



Revoada de amargosinhas em Presidente Prudente, no interior de São Paulo Paulo Batistella/Folhapress

Pombas tomam cidade em SP e opõem Promotoria e prefeitura

Gestão municipal propôs cortar árvores para resolver problema de fezes em praça

Paulo Batistella

PRESIDENTE PRUDENTE (SP) Os fins de tarde no entorno da catedral de Presidente Prudente (a 556 km de São Paulo) têm um som estridente. Quando o sino badala às 17h35, já se somam ao ruído do trânsito estouros de bombas em resposta a um estardalhaço que irrompe no alto — milhares de pombas começam a che-

gar ao centro da cidade. Os pássaros surgem de direções diversas e se aglomeram ao redor da Paróquia de São Sebastião. Enchem a fiação até encontrarem abrigo em alguma das árvores espalhadas. Numa revoada que parece manchar o céu de cinza, terminam de lotar a vegetação, onde pemoitam. Ao amanhecer, o que resta na praça Monsenhor Sarrion

é um rastro de cocô de pombos. A situação tem gerado um impasse entre prefeitura, Ministério Público e a diocese, que buscam uma maneira de manejar as pombas — ali chamadas de amargosinhas. A prefeitura, sediada a poucos metros da praça, propôs arrancar 12 oitís, árvores de copas largas, para desabrigar a passarinhada e tentar dar fim ao problema, que se

arrasta há quase uma década. Em contrapartida, a gestão do prefeito Nelson Bugalho (PTB) — promotor de justiça do Meio Ambiente licenciado — propunha o plantio de palmeiras e ciprestes, poleiros desfavoráveis. Recebeu apoio da igreja, mas foi criticada pela população, com protestos em audiência na Câmara Municipal. A Promotoria também se opôs

ao plano e recomendou apenas uma poda, feita em maio. Agora, diz aguardar relatório da prefeitura sobre a efetividade da iniciativa. O documento já está pronto, afirmou o secretário de Meio Ambiente, Wilson Portella. O resultado da poda, acrescida de limpeza da região, foi positivo, segundo ele. “Deu uma atenuação grande no problema”, disse.

O pároco da igreja, monsenhor José Antônio de Lima, no entanto, ponderou: “Amenizou, mas não resolveu”. O religioso, que defende a derrubada das árvores, narrou, entre outras preocupações, o receio de quem vai às missas noturnas de levar um “carimbo de fezes” e até a diminuição de casamentos na catedral.

Portella afirma ter buscado iniciativas de outras cidades que lidam com o mesmo problema, como o uso de iluminação especial direcionada às árvores e de aves de rapina adestradas. “Só tiveram resultados durante um período. Depois as pombas voltam.”

Quem trabalha alocado por ali, em barracas de comida ou pontos de táxi, empenha sua própria faxina na área de atuação, caso de Nilda da Silva, 65, que ajuda a irmã no trailer de caldo de cana no pé da igreja.

Apesar disso, defende a manutenção das árvores, que garantem sombra na cidade de temperaturas altas. Na outra praça, taxistas inovaram na técnica de limpeza. Montaram uma armação com painéis, sustentada por uma corda, na árvore frondosa que sombreia o ponto de trabalho.

O barulho ao sacudir o aparato espanta as pombas para outra parte da vegetação e diminui a incidência de fezes na área na manhã seguinte. Bombinhas, dessas comuns às festas juninas, ajudam a compor

a barulheira vespertina. O pipoqueiro José Bezerra Lima, 52, diz já ter feito uso delas, mas agora, por causa de reclamações, se virou com um chocinho adaptado.

Silvestre, a chamada amargosinha difere da pombadoméstica, comumente vista se alimentando de sobras nas cidades. Menor, de plumagem cinza e com manchas pretas, vive em enormes bandos e tem se aproveitado do ambiente urbano para dormir menos exposta a predadores.

O desmatamento, seguido de expansão agrícola, deu à subespécie natural dos pampas e do chaco terreno e fartura de grãos, seu alimento favorito — o gatilho para a explosão populacional.

O problema de manejo da espécie não se restringe a Presidente Prudente. Há relatos em centros urbanos no interior das regiões Sudeste e Sul, além de Argentina e Uruguai.

Na zona rural, a aglomeração da ave é um problema antigo. Em Tarumã (a 454 km de SP), uma colônia chegou a ter estimada população de 5 milhões de indivíduos nos anos 90.

O biólogo Giliandro Gonçalves, doutorando pela Unisinos, afirma que a presença e hábitos no campo se mantêm. Pesquisadores convergem ao dizer que um plano eficiente de manejo da espécie, com alto potencial de reprodução, deve focar o controle da oferta de alimento.

A aplicação do plano exigiria, segundo ele, articulação regional, entre municípios vizinhos, uma vez que a espécie se dispersa em até 100 km a partir da colônia ou do dormitório para se alimentar.

Oscar Vilhena Vieira
Excepcionalmente, o colunista não escreve nesta edição.




GRUPO  Abri

PLANETA CASA

Nossa vida depende do Planeta. E o Planeta que sonhamos pode nascer em nossa casa. Venha descobrir como o talento dos maiores arquitetos, designers de interiores e paisagistas é capaz de transformar tecnologia e sustentabilidade em ambientes afetivos e confortáveis — cheios de vida e beleza.

ÚLTIMOS DIAS
ATÉ 04/08 NO
JOCKEY CLUB

[TV CASACOR](#) [casacoroficial](#) [casacor_oficial](#) [casacorcom](#) [casacor](#) [casacor sustentavel](#)

COMPRE SEU INGRESSO | ingresso.casacor.com/sp

PATROCÍNIO GLOBAL

TINTA OFICIAL

PARCEIRO NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE

PATROCÍNIO LOCAL

APOIO LOCAL

FORNECEDOR OFICIAL DE ENERGIA

CAFÉ OFICIAL

HOTEL OFICIAL

MÍDIA NACIONAL










